

ASPIRIT ANIMAS™

LAÇOS DE SANGUE

Garth Nix & Sean Williams

EDITORA
FUNDAMENTO



O grande Labirinto de Bambus

Os bambus altos se elevavam bem acima de Meilin, bloqueando o sol e projetando grandes sombras sobre o cruzamento entre os dois caminhos estreitos abaixo deles. A menina parou e olhou pensativa para aquela nova encruzilhada no Grande Labirinto de Bambus: novas possibilidades a serem seguidas. Ela não queria admitir, nem para si mesma, que havia entrado no caminho errado em algum momento, alguns quilômetros atrás, e agora estava irremediavelmente perdida.

No início, tinha parecido uma ideia muito boa chegar Zhong através do labirinto. A floresta de bambus havia sido especialmente plantada para servir como defesa nos trechos onde o Muro não passava e, sendo assim, apenas mensageiros escolhidos e oficiais de alto escalão conheciam os diversos quilômetros de caminhos secretos daquela floresta formada por bambus de 15 m de altura. O pai de Meilin, o general Teng, conhecia tais caminhos e, é claro, havia muito tempo ensinara à filha como passar pelo labirinto usando a entrada do norte.

– Sempre vire à esquerda nas dez primeiras vezes – sussurrou a menina para si mesma. – Então, à direita nas próximas dez vezes. E depois esquerda, direita, esquerda, esquerda, esquerda, esquerda, direita, direita, direita.





Ela tinha seguido essas instruções e ainda não estava do outro lado do labirinto. E o pior de tudo é que Meilin tinha calculado que levaria um dia para atravessar por ali – como era de se esperar. O cantil de couro que ela havia enchido no córrego logo na entrada mais os dois bolinhos de arroz que trouxera deveriam ter sido suficientes para alimentá-la.

Mas já era o amanhecer do terceiro dia. Seu cantil estava vazio e os bolinhos de arroz eram apenas lembranças distantes. Isso tudo a deixava frustrada, além de faminta e morta de sede, principalmente ao final de uma semana de longa viagem em barco e caravana por Eura, sempre entrando clandestinamente em caixotes empoeirados e porões infestados por ratos. As únicas coisas que a impediam de desistir eram a esperança distante de que seu pai ainda estivesse vivo e que, de alguma forma, talvez ela conseguisse sobreviver por tempo suficiente para encontrá-lo.

Furiosa, Meilin golpeou o bambu mais próximo com seu bastão de ferro, um golpe tão forte que chegou a rachar o tronco grosso. O bambu caiu no meio de seus vizinhos, mas havia tantos que era como se ele nunca tivesse estado ali. Não havia nada ao redor exceto enormes bambus, o caminho estreito e o sol a pino.

Pela primeira vez, Meilin pensou que realmente poderia morrer ali no labirinto. A filha do general Teng, morrendo de sede numa floresta de bambus! Era um pensamento insuportável!

Uma coceira no braço a distraiu de seus pensamentos. A garota arregaçou a manga da blusa e olhou a tatuagem de um panda sonolento. Para atravessar o Grande Labirinto de Bambus, Meilin havia decidido manter Jhi, seu espírito animal, em estado dormente, receando que o panda pudesse atrasá-la. Agora essa era a menor de suas preocupações.

– Venha, então! – ordenou Meilin. – Saia daí e faça algo útil. Talvez você possa comer os bambus e abrir um caminho para mim!

Houve um lampejo e um movimento repentino. Uma pesada bola de pelos empurrou a menina para o lado no momento em que Jhi apareceu e se inclinou sobre ela, pressionando-a contra o grupo de bambus mais próximo e fazendo-os tremer.



– Ei, cuidado – reclamou Meilin.

Ela sentiu algo tocando seu rosto e, pensando ser um inseto, espantou-o dali. Mas então começou a sentir outros pousando em sua mão. Olhou para cima e viu delicadas flores brancas caindo das pontas dos bambus, como pequenos flocos de neve.

Flores de bambu.

Meilin nunca tinha visto flores de bambu. Ela sabia que essas plantas floresciam apenas uma vez a cada 50 ou 60 ou, às vezes, até 100 anos e depois morriam. Todos os bambus de uma única vez.

– O labirinto está morrendo – ela murmurou, olhando para cima.

Todos os bambus que ela conseguia ver estavam florescendo. Em uma semana, começariam a secar, rachar e cair. Antes disso, o chão da floresta ficaria coberto de flores, atraindo bandos de ratos e outros animais para aquele banquete do século.

Com o fim do labirinto, mais partes de Zhong ficariam completamente desprotegidas. Os Conquistadores haviam invadido seu país pelo Muro e naquele momento até mesmo suas menores defesas estavam sendo destruídas. Talvez fosse o Devorador, de algum modo, o responsável pelo florescimento dos bambus.

Jhi sentou-se pesadamente e esticou uma enorme pata tentando arrastar Meilin para o seu lado.

– Não posso me sentar! – protestou a menina. – Tenho que encontrar uma saída!

Ela empurrou a pata do panda e deu alguns passos em direção ao caminho da esquerda. Então, hesitou, virou-se e deu alguns passos em direção ao caminho da direita. Jhi emitiu uma espécie de ruído fanhoso.

– Você está rindo? – perguntou Meilin. – Isto é muito sério! Estou perdida. Não tenho comida nem água. Posso acabar morrendo aqui!

Jhi deu uma batidinha com a pata no chão ao seu lado. Era um gesto bastante humano, que fazia Meilin se lembrar de seu pai, quando ele a convidava para se sentar ao lado dele para um momento de sabedoria. O que ela não daria para vê-lo naquele momento!



– Não tenho tempo para me sentar! – disse a menina com aspreza. – Vamos!

“Na verdade, já não importa qual caminho vou seguir daqui em diante”, pensou ela. Estava completamente perdida. O mais importante agora era a velocidade. Ela tinha que sair do labirinto antes que morresse de fome ou de sede.

Meilin saiu andando com passos rápidos, certa de que desta vez haveria uma abertura entre a densa floresta de bambus com um caminho que a levaria até uma clareira e, finalmente, diante de Zhong.

Jhi emitiu outro ruído atrás de Meilin, porém a menina ignorou. Mais uma vez seu espírito animal provava ser inútil. Ah, se ela tivesse Essix! O falcão poderia voar bem alto e encontrar a saída.

– E pensar que um panda seria de alguma utilidade numa floresta de bambus! – resmungou Meilin.

Ela correu por mais uns 50 m e se viu diante de uma nova encruzilhada. Poderia ir para a esquerda, para a direita ou seguir em frente. Todos os caminhos pareciam exatamente iguais: longas trilhas estreitas entre os bambus enormes.

Meilin parou e olhou para trás. Jhi a seguia com passos lentos, mas constantes. Enquanto a menina a olhava, Jhi esticou a pata, agarrou a ponta de um bambu e o dobrou até quebrá-lo, sem esforço algum. Os talos mais altos caíram perto de Meilin, derramando novamente uma chuva de flores sobre a menina. Jhi deu uma voltinha e começou a comer os bambus, enchendo as patas com talos, folhas e flores e enfiando-o na boca.

Meilin sentia sua própria fome, uma dor bem no centro do estômago, difícil de ser ignorada. Sua boca teria salivado, porém estava seca demais. Em seu segundo dia no labirinto, ela havia tentado comer bambus, mas ficou com uma dor de estômago que apenas lhe dera mais fome. Os bambus eram secos demais e não havia brotos novos que talvez pudessem ser mais macios e fáceis de digerir.

– Tem que haver uma saída – ela murmurou.

Olhou com fervor para os diferentes caminhos. Não havia qualquer diferença entre eles. Da última vez, ela havia seguido pela direita.



“Agora devo ir para a esquerda”, pensou. Esquerda de novo; depois, direita na próxima encruzilhada e assim por diante. Em zigue-zague. Deveria funcionar. Dessa forma, ela chegaria a algum lugar.

– Vamos – disse ela a Jhi.

Desta vez, Meilin não correu. Ela simplesmente não tinha mais energia. Mas andou rapidamente, ignorando a fome e a garganta seca, o calor e a umidade.

– Vou encontrar uma saída – ela sussurrava para si mesma. – Vou chegar a Zhong. Vou lutar contra o Devorador e contra nossos inimigos.

Mas, ao mesmo tempo, uma vozinha em sua cabeça lhe dizia o contrário, sussurrando um constante pensamento de desânimo: “Vou morrer, vou morrer, vou morrer.”





2



Uma mensagem do mar

Conor estava debruçado na parte dianteira do “Orgulho de Tellun”, o navio mais veloz da frota dos Casacos Verdes. Ele levava um banho a cada minuto, quando o navio se chocava contra uma onda. Pelo menos estava sozinho com seu sofrimento. Ficar molhado era como uma pequena e conveniente punição pelo que ele havia feito. Dar o Javali de Ferro, o talismã de Rumfuss, para o inimigo... ainda que ele achasse que não havia tido escolha, que precisou fazer aquilo para salvar sua família... Conor se sentia perdido e envergonhado.

Não pela primeira vez, Conor se perguntou se seria possível ter havido algum tipo de engano cósmico. Será que ele não devia ter sido apenas um pastor de ovelhas e nada mais? Talvez ser um Casaco Verde e ter uma das Grandes Bestas como espírito animal não fosse para ele. Simplesmente não servia para ser um herói, e Erdas precisava de verdadeiros heróis para conseguir os talismãs das Grandes Bestas e derrotar o Devorador.

Dentes afiados tocaram suavemente sua nuca. Ele conhecia aqueles dentes. Era Briggan, agarrando-o pela gola da camisa e arrastando-o para fora de seu esconderijo, como se o garoto fosse um filhote fujão.

– Estou indo, estou indo – disse ele com um suspiro.

O lobo soltou a camisa de Conor e recuou um pouco.

– O que foi?

Briggan se virou e foi em direção à escada que ia do convés principal ao castelo de proa, suas garras batiam ruidosamente no chão do navio. No topo da escada, o lobo parou e se virou para trás, lançando seu olhar azul penetrante na direção de Conor.

O garoto olhou para trás de Briggan. Tarik, Rollan e Abeke estavam parados de frente uns para os outros, bem atrás do mastro principal, em um semicírculo que obviamente tinha dois espaços vazios. Pelo menos eram óbvios para Conor. Um deles era seu próprio lugar, provavelmente a intenção de Briggan fora arrastá-lo até lá. O outro lugar vazio era de Meilin. Meilin... que jamais teria partido sozinha para Zhong se Conor não tivesse dado o talismã para o Conde de Trunswick e estragado tudo...

Pensou em seus companheiros por um momento. Tarik, na verdade, já era um herói, mentor e guia dos garotos, um Casaco Verde mais velho e mais experiente. Ao lado dele, com um sorriso típico no rosto, Rollan, o esperto garoto de rua que sempre tinha uma resposta para tudo. Ele não parecia estar prestando atenção em Tarik, diferente de Abeke. Ela era séria, gostava de fazer as coisas direito e, no entanto, havia sido mais compreensiva com Conor do que os outros depois que ele os decepcionara. Talvez sua natureza tranquila viesse do fato de ela ter sido caçadora. Abeke era igualmente paciente com pessoas e animais.

– Ei, Conor! Venha até aqui! – chamou Tarik. – Vamos tentar escalar o mastro de novo usando o talismã de Arax. Você pode ir primeiro.

– Achei que fosse a vez de Abeke – disse Rollan, lançando a Conor um olhar de desprezo ligeiramente disfarçado.

Conor fez uma careta. Chegou a pensar que Rollan tivesse se tornado seu amigo, mas isso havia mudado desde que Meilin tinha ido embora...

– Tudo bem, é a vez de Abeke – concordou Conor. – De qualquer forma, ela se sai melhor nos saltos do que eu.





– É por isso que treinamos – informou Tarik com paciência. – Você precisará estar com todas as suas habilidades afiadas para quando formos atrás do próximo talismã.

– Qual é o próximo talismã? – perguntou Abeke. – Não sabemos onde estão.

– E mesmo que a gente consiga encontrá-lo – disse Rollan – provavelmente Conor o dará para os Conquistadores!

– Chega disso! – interrompeu Tarik. – Tenho certeza de que teremos notícias de alguma das outras Grandes Bestas assim que voltarmos para Porto Verde. Lenori certamente terá encontrado uma delas.

– Desculpem mais uma vez – pediu Conor, irritado pelo fato de Rollan não estar olhando para ele. – Vocês sabem que eu sinto muito... mas minha família...

– Ah, as pessoas e suas famílias – resmungou Rollan. – Quase fico feliz por ter sido abandonado pela minha logo no início.

– As pessoas que amamos são nossa força – falou Abeke –, mas também são nossa fraqueza. Quando a vida delas está em jogo, é difícil saber o que é certo.

Esse reconhecimento pareceu surpreender tanto Rollan quanto Conor.

– Isso quer dizer que você o desculpou? – perguntou Rollan.

– E estou dizendo que devemos tentar entender – respondeu Abeke, olhando para os dois garotos. – Todas as vidas estão em risco até que os Conquistadores sejam derrotados. Todas as famílias, inclusive a minha.

Essa era uma censura que Conor sentia ter merecido. O garoto mordeu o lábio e esticou o braço em busca de Briggan e do conforto em seus pelos. Mas seus dedos só encontraram o ar. Briggan havia saído dali. Talvez fosse porque o navio tivesse se chocado com outra onda, uma onda maior que o comum, mas, para Conor, pareceu que nem mesmo seu espírito animal queria ser muito claramente associado a ele.

– Abeke está certa – falou Tarik com sua voz tranquila de sempre, mas com uma força considerável. – Por isso, a importância do treinamento. Aqui está o talismã. Tente chegar ao topo do mastro o mais rápido possível.

– Com a ajuda de Uraza? – perguntou Abeke.



O leopardo da menina estava em estado dormente; uma tatuagem em seu antebraço. Uraza não gostava muito do mar.

Tarik balançou a cabeça:

– Não desta vez. Veja o que você consegue fazer apenas pulando com o talismã.

Abeke concordou. Conor olhou para cima preocupado. A plataforma no topo do mastro era bem pequena, com apenas 3 m de comprimento sobre o imponente mastro de 25 m de altura. Havia degraus de corda, feitos com pequenas redes, que levavam até o topo. Mas o que eles haviam praticado até então era saltar direto do convés para a primeira verga do mastro, que ficava a 9 m de altura. E isso era ainda mais difícil por causa do balanço do navio.

Conor torcia para que, se Abeke caísse, ela tentasse ir em direção ao mar. Era melhor cair na água do que se estatelar no chão do convés. A menos, é claro, que ela caísse sobre uma das baleias-rochas que impulsionavam o navio.

– Foco – disse Tarik para a menina. – Concentre-se em absorver o poder do talismã. Procure exatamente o ponto onde você quer saltar na verga e fique preparada para se segurar quando chegar lá.

Abeke alongou os ombros e depois as pernas. Uraza era extremamente habilidosa, capaz até mesmo de mudar de direção no meio do salto. Conor não sabia como Abeke se sairia sem o leopardo.

– Agora! – exclamou Tarik enquanto o navio entrava num vale entre duas ondas.

Abeke saltou. O poder surpreendente do Carneiro de Granito a lançou diretamente para cima com uma aceleração incrível, como uma perfeita flecha. E foi então que Conor percebeu que ela estava indo rápido demais; um salto alto demais. Abeke iria parar bem além da primeira verga. Na verdade, ela havia se lançado diretamente para o topo do mastro, passando por todas as cordas, todas as vergas e tudo o mais que havia no caminho, indo parar direto na outra extremidade!

Conor engoliu em seco quando a garota abraçou os joelhos e deu um salto mortal no ar para diminuir sua velocidade. E então, bem quando ela se aproximou do topo do mastro, esticou as pernas e os braços e agarrou





uma corda fina; a adriça que içava o estandarte dos Casacos Verdes, guardiões de Erdas. Por um instante, Conor pensou que a corda fosse romper e que ele veria Abeke cair em direção a uma morte certa.

Mas a corda aguentou. A menina deu um giro ao redor do mastro e esticou as pernas em direção a uma verga horizontal. Ela escorregou por quase 1 m da corda até conseguir segurar firme e girar de volta pelo outro lado. Quase bateu a cabeça contra a mesma verga, escapando por pouco ao executar um salto mortal pouco elegante, mas eficaz, e atirando seus pés contra a madeira. Por fim, ela reduziu sua velocidade para conseguir cair na plataforma. De lá, olhou para o convés 20 m abaixo de si e acenou. Conor, aliviado, retribuiu o aceno.

– Aquele é um talismã poderoso – comentou Rollan.

– Ele responde bem aos dons naturais de Abeke – afirmou Tarik, balançando a cabeça em sinal de aprovação.

– Acho que sim – respondeu Rollan. – É difícil imaginar para que serviria um lobo lá em cima, não é, Conor?

Antes que Conor pudesse decidir se aquilo era uma piada ou não, Rollan olhou para cima. Essix, pousada num dos estais que suportavam o mastro principal, de repente saiu voando com um longo grito que foi sumindo no ar.

– Será que ela viu alguma coisa? – perguntou Conor.

Rollan apontou para o porto, mais adiante naquele mar azul e branco, em direção ao horizonte arqueado.

– Lá. Um pássaro, eu acho.

Tarik protegeu os olhos com a mão e se virou para a mesma direção.

– Não consigo ver nada.

– É, sim, um pequeno pássaro preto e branco, voando baixo – continuou Rollan. – Parece que está pulando sobre as ondas, vindo em nossa direção. Essix não deve estar com fome, não é? Eu a alimentei esta manhã!

– É um painho – explicou Tarik. – Um pássaro mensageiro, como os pombos de Eura. Imagino que seja de Olvan ou Lenori.

Uma batida na parte de trás do convés fez com que todos se virassem. Era Abeke, abaixada sobre um joelho e com uma das mãos apoiada no chão.



– Eu vim descendo até a verga mais baixa e depois saltei dela! – disse ela animada. – Eu sabia que conseguiria fazer isso. O talismã reduziu minha velocidade enquanto eu caía, como se eu fosse uma pena pairando no ar. Quem é o próximo?

– Acho melhor fazermos uma pausa – respondeu Tarik. – Temos uma mensagem.

– Já ouvi alguma coisa sobre os painhos – falou Rollan com hesitação. – Não são eles que trazem tempestade ou azar?

Conor, que estivera se esticando todo para conseguir enxergar, finalmente viu o pequeno pássaro vindo do mar em direção a eles. A ave pousou rapidamente na amurada e depois voou até a mão de Tarik. Essix sobrevoou o grupo e pousou no ombro de Rollan, seus intensos olhos cor de âmbar fixaram-se nos pequenos olhos negros do painho.

Tarik retirou com cuidado uma pequena cápsula de bronze da perna do pássaro e o segurou no alto. O animal emitiu um chiado agudo e voou de volta para o mar aberto.

– Tem alguma mensagem aí? – perguntou Conor. – Parece muito pequeno.

Tarik concordou com a cabeça e girou a pequena cápsula, abrindo-a no meio. Dentro dela, havia um pergaminho do tamanho de seu dedo mindinho. Ele o tirou de dentro da cápsula e o desenrolou, revelando um comprimento surpreendente.

– Papel de pele de cebola – disse Tarik.

– É sobre Meilin? – perguntou Conor.

Ele queria muito que ela estivesse bem. Havia passado uma semana numa missão de exploração para treinar suas habilidades marítimas, mas também para tirar o sumiço de Meilin de suas cabeças. No entanto, não havia funcionado. Se apenas eles tivessem uma boa notícia dizendo que ela já estava em Zhong com os Casacos Verdes de lá ou então voltando para perto deles em segurança...

– Mais ou menos – respondeu Tarik. – É de Olvan. Ele diz: “Sem notícias de Meilin. Relatório positivo sobre a localização de Dinesh. Novas ordens. Ir para Kho Kensit. Reunião na Estalagem ‘Brilho Lunar’.





em frente ao Portão Leste de Xin Kao Dai. Mas cuidado. Inimigos na cidade. Boa sorte.”

– Vamos para onde agora? – perguntou Rollan. – Pensei que fôssemos voltar para Porto Verde. Ou pelo menos para um lugar mais quente.

– Kho Kensit é uma região próxima a Zhong – começou Tarik, fechando a cara. Lumeo, seu espírito animal, o imitou, retorcendo sua pequena cara de lontra. – Xin Kao Dai é o porto mais próximo.

– Não podemos simplesmente navegar para dentro do território inimigo – protestou Conor. – Precisamos de um exército!

– É um porto movimentado, com viajantes do mundo todo – explicou Tarik. – Se usarmos disfarces e entrarmos no porto durante a noite em um dos botes do navio...

– Sou bom com disfarces – disse Rollan. – Tem uma caixa de roupas na cabine do imediato. Lá deve ter alguns casacos que não sejam verdes, além de outras coisas que podemos usar. Ei, nós poderíamos nos vestir como menestréis! Eles sempre parecem andar por aí sem problema algum.

– Nós não temos instrumentos – falou Tarik. – Nem habilidade para tocá-los.

– E se fôssemos um daqueles grupos que fazem teatro de sombras? – sugeriu Conor. – Uma trupe foi até Trunswick certa vez. Só precisamos de um lençol grande; poderíamos até usar uma vela. Depois recortamos algumas imagens e arrumamos uma lanterna grande. A peça a que assisti era sobre os diferentes tipos de ovelhas, vocês sabem, a Barriga Preta de Amaya, a Branca Euraniana de Pelos Longos...

– Um teatro de ovelhas! – exclamou Rollan como se nunca tivesse ouvido nada mais ridículo na vida.

– Com as baleias indo a toda velocidade, ainda teremos um dia para pensarmos em alguma coisa – ponderou Tarik. – Vou perguntar ao comandante quando for avisá-lo da mudança na rota. Talvez ele tenha alguma ideia diferente.

Abeke estava relendo a mensagem.

– Dinesh é o elefante, não é? – perguntou ela, apontando para o pequeno pergaminho. – Quero dizer, o Elefante. A Grande Besta.

– Isso – concordou Tarik. – Guardião do Elefante de Ardósia, o próximo talismã que devemos pegar.

Abeke olhou para Conor.

– Nós vamos ficar com esse talismã, não é? – perguntou Rollan.

Conor assentiu com ar de tristeza.

– Claro que sim – respondeu Tarik. – Mas, por ora, vamos retomar nossa prática, enquanto o mar ainda está relativamente calmo. Quem é o próximo?

– Vá você – Conor disse rapidamente para Rollan. – Acho que fiquei um pouco... enjoado. Preciso me deitar.

Ele se virou e saiu cambaleando. Quase tropeçando em Briggan, passou pela amurada do navio e desceu para as cabines. O lobo o seguiu pacientemente.

Na verdade, Conor não se sentia enjoado. Estava apenas envergonhado. Como ele podia continuar treinando se estava claro que Rollan não confiava nele? Dava para perceber que Tarik e Abeke estavam tentando, mas Rollan, não. Sempre que Conor dizia alguma coisa, o garoto rapidamente o colocava de volta em seu lugar. Como ele iria ajudar a pegar o novo talismã se Rollan não o deixava se esquecer de como ele havia estragado tudo com o Javali de Ferro?

Além disso, Conor também se sentia desanimado com a ideia de entrar em um território ocupado pelos inimigos. Eles eram apenas um grupo pequeno contra a grande força dos Conquistadores. Não que ele fosse um covarde, mas o que poderia acontecer se eles fossem pegos era terrível demais para imaginar. E o garoto não se preocupava apenas consigo, mas também com Briggan e com as pessoas que haviam se tornado suas amigas, não importava o que pensassem dele naquele momento. Todos teriam que ajudar e não haveria espaço para erros.

– Farei o que for preciso – Conor sussurrou para Briggan, sentando-se na pequena cama do beliche e trazendo o lobo para perto de si. – Vou mostrar a eles que posso ser um verdadeiro Casaco Verde!

